

A ARGÉLIA EM CAMUS: O CASO DE “A MULHER ADÚLTERA”

THE ALGERIA IN CAMUS: THE CASE OF “THE ADULTEROUS WOMAN”

Maíra Borges Wiese¹

RESUMO: Um dos problemas da História Literária diz respeito à tarefa de classificar os escritores de acordo com sua nacionalidade. A classificação de autores do século XX, por exemplo, século marcado pelo aumento intensivo do fluxo migratório, enfrenta, comumente, as contradições que derivam da própria constituição do indivíduo contemporâneo. É o caso do escritor Albert Camus. Nascido na Argélia, na época uma colônia francesa, Camus construiu maior parte de sua carreira literária na França. Nos compêndios de literatura francesa, seu nome surge como um de seus cânones; entretanto, o caráter existencial e filosófico de sua literatura faz com que críticos o caracterizem como um escritor universal. Entre essas duas definições, surge a influência de seu país de origem e as inevitáveis marcas da relação colonial. Mas diferente de escritores que desenvolveram uma literatura de temática colonial ou pós-colonial, Camus voltou-se para questões tidas como “universais”. Como podemos pensar, então, a “presença argelina” em Camus? Este artigo se propõe a discutir como essas relações interculturais influenciam a literatura camusiana, tomando como exemplo o conto “A mulher adúltera”.

Palavras-chave: Albert Camus; colonialismo; literatura universal; literatura nacional.

ABSTRACT: One of the problems of Literary History is related to the task of classifying writers according to their nationality. The classification of writers in XX century, for instance, which is marked by a great increase of migratory flows, has faced, usually, the contradictions that are particular to contemporary individual. It is the case of Albert Camus. He was born in Algeria, a French colony, and has built almost his all literary career in France. In the French literary compendiums, his name appears as a canon; nevertheless, the existential and philosophical matters in his literature has made the critics to consider Camus as an universal writer. Between these two definitions, the influence of his home country and the inevitable consequences of the colonial relationship have also relevance. However, in opposition to writers that developed a colonial or postcolonial literature, Camus turned his literary writings to aspects considered as “universal issues”. Therefore, how can we think the “Algerian references” in Camus? This paper aims to discuss how these intercultural relationships influence the camusian literature, taking “The adulterous woman” short story as example.

Keywords: Albert Camus; colonialism; universal literature; national literature.

¹ Possui graduação em Letras pela Universidade Federal da Paraíba, com habilitação em Línguas e Literaturas de Língua Portuguesa e Inglesa, e mestrado em andamento pelo programa de pós-graduação intitulado “Estudos Literários e Culturais”, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. E-mail: mairawiese@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Autor de grandes obras da literatura, como *O Estrangeiro*, *A Peste* ou *Calígula*, Albert Camus é, notadamente, um escritor e pensador de alcance universal. Em importante trabalho acerca do escritor, Herbert R. Lottman assim o descreve: “Il avait d’abord attiré l’attention avec un court roman, *l’Etranger*, et la parution de *la Peste* avait valu à cet étranger une gloire accrue et une réputation internationale” (1978, p.13).

Camus nasce em Mondovi, Argélia, a 7 de novembro de 1913, filho de pai francês e mãe de origem espanhola. Sua família por parte de pai, originária da Alsácia, França, emigra para a Argélia em 1870 – migração vivida por muitos franceses após a dominação da Alsácia pela Prússia. É interessante destacar como a vida do escritor e sua trajetória literária se comunicam. *O avesso e o direito* (1937) e *O primeiro homem* (publicação póstuma), por exemplo, são livros de caráter autobiográfico, e nos aproximam de alguns fatos de sua vida: a morte do pai, a infância pobre em Argel, a relação com a mãe (sempre descrita como ausente e silenciosa), sua primeira viagem à França, etc. É também inevitável perceber a vida e obra de Camus sem a relação que o mesmo estabelece com a França e a Argélia, e sem as marcas consequentes da relação colonial entre os dois países. Camus finaliza os estudos no liceu de Argel, destinado para os filhos dos franceses na colônia e de formação evidentemente francesa/européia; em 1939 com a censura imposta ao jornal onde o mesmo trabalhava na Argélia, o *Alger Republicaine*, e posterior convite para trabalhar na redação do *Paris-Soir*, Camus muda-se para Paris; com a guerra, estando a França completamente dominada pela Alemanha, regressa à Argélia. É neste período que desenvolve o livro *O Estrangeiro* (1942) e *O mito de Sísifo* (1942), e o seu trabalho literário começa a ter repercussão na França.

A carreira de Albert Camus enquanto escritor ergue-se e projeta-se a partir da e na sociedade francesa. A influência de escritores e filósofos europeus, como Nietzsche, Dostoiévski, Kierkegaard, Kafka, etc., foi decisiva para sua produção ensaísta e ficcional. É no círculo intelectual e literário francês e europeu que Camus insere-se e dialoga, e passa, por sua vez, a ser referência para a literatura francesa e universal.

Sabemos, entretanto, da origem argelina de Camus. As referências ao país africano em sua literatura evidenciam a impossibilidade, neste caso, de dissociar a identidade originária (nacional) do escritor. Pensando nessa dupla relação cultural, este artigo assumirá como um dos objetivos pensar a literatura camusiana levando-se em conta sua origem argelina, ou seja, questionar-se sobre como e se esse movimento de deslocamento e trânsito entre dois países inseridos numa relação colonial espelham-se em sua obra, partindo especialmente de um *corpus*: o conto “A mulher adúltera”, do livro “O exílio e o Reino” (1957).

Único trabalho de Camus sob a forma de conto, este livro reúne seis narrativas que, apesar de bastante divergentes, assemelham-se por um aspecto já proposto pelo título: os personagens centrais refletem uma condição provisória ou permanente de exílio, um exílio metafórico, caracterizado pelo abismo que separa o ilusório, o

desejável, do real. Se o exílio define-se² pela impossibilidade de retorno à terra, geralmente à terra natal, estando o indivíduo privado daquilo que lhe é familiar, nestes contos de Camus o exílio emerge de condições distintas, que vai desde a solidão conjugal à reclusão artística, mas que denotam um sentido único: o exilado enquanto um estrangeiro – em relação a si próprio e ao mundo.

Tomar um dos contos do livro “O exílio e o reino” como referência para esta análise deriva da seguinte razão: três contos do livro em especial retratam intencionalmente aspectos da relação colonial entre França e Argélia, numa narrativa que explora a geografia desértica do país africano e uma paisagem humana composta por árabes e europeus. Em “A mulher adúltera”, percebemos o “aspecto argelino” a partir da visão de um casal *pied-noir*; em “O resignado ou Um espírito confuso”, por sua vez, Camus evoca as expedições missionárias como tema para discutir a violência – uma violência causada, num dos planos, pelo confronto religioso e espiritual, pelo projeto violento empreendido pelo colonizador europeu de conversão e dominação dos chamados povos “indígenas”; e por fim, no conto “O hóspede”, temos o personagem Daru, um mestre-escola francês que leciona aos habitantes da aldeia local, situada próxima à cidade de Tadid (Argélia), várias referências à presença francesa na região, às revoltas dos árabes e, sobretudo, à pobreza.

Diante da impossibilidade de abordar os três contos, pelo curto espaço que este artigo disponibiliza, abordarei brevemente o conto “A mulher adúltera”. Antes disso, no próximo tópico, discutirei alguns pontos acerca da relação de Camus com a Argélia e a França, e como isto influencia sua atuação enquanto escritor.

1 ESCRITOR ARGELINO, ESCRITOR FRANCÊS?

Vejam algumas considerações acerca do lugar que Albert Camus ocupa no âmbito da literatura de expressão francesa. Nascido num país africano, uma colônia da França, e apesar de manifestar repúdio à situação colonial e de defender veementemente a liberdade argelina, Camus não desenvolve uma literatura preocupada com os temas coloniais ou pós-coloniais, como os também argelinos Mouloud Feraoun, Mohammed Dib, Kated Yacine, etc. Esses escritores são inseridos no panorama da Literatura Francófona que, apesar da crítica à terminologia³, designa, de forma geral

² Johannes F. Evelein, em seu artigo “Traveling Exiles, Exilic Travel – Conceptual Encounters”, assim define o exílio, num sentido clássico e histórico: “exile connoted banishment, separation as punishment, rejection by the community or the collective; a forced severance of organic ties to a place called home, a place without which life lost its meaning” (p. 13). Em seu sentido metafórico, o exílio não possui a noção política de banimento ou punição. Volta-se mais para a conotação de “perda de sentido”, de “não-pertencimento”, de impossibilidade de realização individual e humana.

³ Numa antologia intitulado “Áfricas Contemporâneas” (2010), organizada pela Universidade do Minho, há um importante artigo, a saber: “Les français et la franophonie: perspective postcolonial sur la représentation des littératures francophones em France”, escrito por Tristan Leperlier. Nele, Leperlier comenta sobre o “Manifest pour une littérature-monde em langue française?” (2007), no qual o escritores declaram a rejeição ao termo “francofonia”, pelo evidente sentido histórico que o mesmo possui. Sobre o manifesto, Leperlier pontua: “Ces écrivains récurrent, dans le nom même qu'ils ont donné à leus “Manifest”, le

e num sentido mais linguístico, o escritor oriundo de um país que tem como língua oficial o francês ou que escreve em francês, mas que não é nascido em França⁴. Porém, o termo “literatura francófona”, diferentemente da designação para a literatura de língua inglesa, possui um sentido histórico e político indissociável: “Les littératures francophones sont, par la commonauté de langue, tangentes à la littérature française; [...] les littératures francophones naissent toujours dans des situations de contacts et de déséquilibres culturelles, souvent héritées des constructions coloniales” (JOURBERT *et al.*, 1993, p. 16). Numa antologia sobre Literatura Francófona, realizada pela Cambridge University, Patrick Corcoran, o autor, comenta sobre o recorte do corpus de escritores para a antologia. Exclui a literatura produzida na França, bem como nos outros países da Europa, e centra-se nas antigas colônias do continente africano e no Canadá – países que representariam, dessa forma, a literatura francófona: “Conceived of as a space from which ‘other voices’, other histories and other claims to legitimacy can emerge, ‘postcolonial’ *francophonie* is part and parcel of a decentring process that had its roots in decolonisation” (CORCORAN, 2007, p. 23).

Em termos de uma literatura pós-colonial ou de uma literatura africana que busca a independência em relação à antiga metrópole, ou constituindo-se, apesar da crítica, enquanto essa “outra voz”, Camus não é, evidentemente, um “escritor da francofonia”, nem um escritor africano. Está comumente inserido nos catálogos da Literatura Francesa⁵, uma literatura que é assim comentada por Anders Österling, secretário da Academia Suíça, quando da entrega do Prêmio Nobel, em 1957, a Albert Camus:

French literature is no longer linked geographically to the frontiers of France in Europe. In many respects it reminds one of a garden plant, noble and irreplaceable, which when cultivated outside its territory still retains its distinctive character, although tradition and variation alternately influence it. The Nobel Laureate for this year, Albert Camus, is an

terme de “francophone”, trop idéologisé pourrait-on dir; qui véhicule, quoi qu’il en soit, un jugement, une évaluation *a priori*. On de peut que constater en effet dans son emploi en France la persistance Du schéma issu de la colonisation: centre/périphérie, France/Empire” (p. 64)

⁴ Assim define Tristan Leperlier o termo “fracófono”: “que est capable de s’exprimer en français dans une situation de communication commune; la seconde nous avouera qu’un francophone est “quelqu’un qui parle français, mais qui n’est pas français” (*Ibidem*, p. 64)

⁵ Lepelier, no mesmo artigo acima citado, ao comentar os três círculos da literatura francófona, especificamente a literatura francesa numa posição central, faz a seguinte – e interessante – nota: “Le centre de la littérature francophone est, on s’em doutera, la “littérature française”, c’est-à-dire Molière, Rousseau, Hugo, Marterlinck, Saint-John Perse, Beckett, Camus, Kundera. La “littérature française” s’approprie sans scrupule toutes lès littératures europeennes francophones: mentionne-t-on dans les anthologies de littérature française que Beckett est irlandais que cela est bien vite oublié” (p. 66) Os limites entre a literatura francesa e as literaturas em língua francesa, se pensados antes dos movimentos de independência das antigas colônias e do engajamento por parte de escritores em busca de uma independência literária, tendo como marco representativo o “Manifeste pour une littérature-monde en langue française”, eram demasiado estreitos, até mesmo por ser a Paris o grande centro editorial da época. A classificação da nacionalidade da literatura produzida é, dessa forma, complexa: guiar-se pela origem nacional do autor ou pelo país de editoração e recepção?

example of this evolution. Born in a small town in eastern Algeria, he has returned to this North African milieu to find the source of all the determining influences that have marked his childhood and youth. Even today, the man Camus is aware of this great French overseas territory, and the writer in him is often pleased to recall this fact. (http://nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/1957/press.htm. Último acesso em: 26 out. 2011).

Os escritos sobre Albert Camus parecem evidenciar a impossibilidade de compreendê-lo enquanto um autor francês, porém indissociável de sua origem argelina. Edward J. Hughes, no compêndio realizado pela Cambridge University sobre o escritor, assim o descreve:

Camus was [...] a child of empire, of what French colonial culture had learned to call 'la plus grande France' or greater France. These two dimensions in Camus's life, captured by Conor Cruise O'Brien in his suggestive book-title, *Albert Camus of Europe and Africa*, were to remain inseparable. They generate tensions and dilemmas that go to the heart of his work and that shape and energise readers' varying responses to it. Certain events were crucial in bringing these tensions into acute focus. (HUGHES, 2007, p. 25).

Torna-se evidentemente relevante compreender de que forma tais “tensões” e “dilemas” provocados pela relação do escritor com os dois países influenciam sua composição literária. É perceptível para os leitores de Camus que o mesmo não explora uma narrativa de referencialidades culturais a um país específico: não investe na descrição extensiva de costumes nacionais/locais, da geografia ou aspectos da língua. Não são seus temas voltados para a reflexão de uma cultura nacional ou de questões propriamente coloniais, nem estão revestidos de imagens e elementos simbólicos de caráter cultural-nacional, como desenvolvem alguns escritores da diáspora ou aqueles que vivenciaram experiência semelhante à de Camus. Joseph Conrad e Rudyard Kipling seriam exemplos. Entretanto, em “O exílio e o reino” Camus assume uma postura consideravelmente diferente. Há uma evidente intenção em abordar aspectos da relação colonial na Argélia, o que em “O Estrangeiro”, por exemplo, revela-se apenas de forma sutil e num segundo plano.

David Carroll, em seu livro “Albert Camus the Algerian: Colonialism, Terrorism and Justice”, comenta a interpretação feita por Jean-Paul Sartre acerca do livro “O Estrangeiro”. Sarte destaca a importância de perceber o que ele chama no livro de “Algerian dimension”, tendo-se em vista o panorama de sua recepção, uma França em contexto de guerra:

The Algeria of the novel and the idea of the absurd presented in the essay are thus doubly exotic to its Parisian readers: a climate exoticism for readers dreaming of warm beaches and innocent pleasures and philosophical-political exoticism that raises fundamental questions of existence and freedom in the stifling atmosphere of totalitarian oppression. Their

foreignness, what could be called their Algerian dimension, is treated by Sartre as breath of fresh air in the oppressive political and cultural climate of occupied, collaborationists Paris. Camus's later writings repeatedly confirm Sartre's early insight that climate and geography are as much philosophical-political issues in his work as they are natural phenomena. Even when Camus leaves the philosophical issue of the absurd behind, it is in terms of Algeria as a geographical, philosophical, and political landscape that he will repeatedly pose the problems of oppression, resistance, freedom, and justice. (CARROLL, 2007, p. 10-11).

Edward Said, em seu artigo "Albert Camus, ou l'inconscient colonial", publicado no jornal *Le Monde Diplomatique*, retrata Camus como um escrito omisso em relação aos problemas de uma Argélia colonial, e que por vezes assume o ponto de vista do colonizador, do homem europeu. Sobre essa ausência da temática imperialista, Said comenta: "Albert Camus est le seul auteur de l'Algérie française qui peut, avec quelque justification, être considéré comme d'envergure mondiale. Comme Jane Austen un siècle plus tôt, c'est un romancier dont les oeuvres ont laissé échapper les réalités impériales qui s'offraient si clairement à son attention"⁶. É evidente que Camus não assume enquanto preocupação literária a discussão acerca das condições argelinas sob domínio francês; debruça-se, essencialmente, sobre temas considerados universais, e não nacionais ou locais. Quando o país africano é descrito, é vislumbrado enquanto uma paisagem exótica, pois o contexto de recepção do livro é uma França fria e em tempos de guerra. Parece inevitável pensar a literatura camusiana, e as referências argelinas, sem o dado de que ela se destina principalmente a leitores franceses e europeus.

No próximo tópico, farei uma breve análise do conto "A mulher adúltera", do livro *O exílio e o reino*, buscando destacar como as referências à Argélia estão situadas na narrativa, partindo essencialmente da perspectiva dos dois personagens principais.

2 A ARGÉLIA EM "A MULHER ADÚLTERA".

Num universo subitamente privado de ilusões e de luzes, o homem sente-se um estrangeiro. Tal exílio é sem recurso, visto que está privado das recordações de uma pátria perdida ou da esperança de uma terra prometida.

Albert Camus. *O Mito de Sísifo*

Assim se inicia o conto: um casal *pied-noir*, negociantes, numa viagem de autocarro atravessando trechos do deserto. O narrador descreve brevemente a paisagem, a presença dos árabes dentro do autocarro, o incômodo que a viagem

⁶ Disponível em: <<http://www.monde-diplomatique.fr/2000/11/SAID/14483>>. Último acesso em: 26 out. 2011.

causa, principalmente à Janine. Apesar do narrador em terceira pessoa, é essencialmente através da percepção, do olhar desta personagem que o conto se desenvolve. Tal fato é pertinente, já que o conto é especialmente sobre ela: sobre a infelicidade conjugal ao lado de Marcel, o questionamento de si enquanto mulher, a consciência de uma juventude que se dissipa, a solidão. O fato de Camus adotar uma mulher como personagem principal pela única vez em sua obra, tendo como ponto de partida questões do universo feminino, mas que se alargam e que podem ser vistos como qualquer outra “questão humana” discutida por Camus, torna o conto ainda mais peculiar. E o reflexo entre a condição da personagem e o ambiente, reflexo também presente nos ensaios de *O avesso e o direito* e em *O Estrangeiro*, proporciona uma unidade narrativa admirável: o narrador situa os personagens (o casal) num ambiente arenoso, frio e desértico, tornando-se um espelho para o vazio e tédio de sua personagem principal.

Mas concentremo-nos em algumas referências a nível cultural, na caracterização dos personagens e a relação destes com o meio. Transcrevo uma das primeiras passagens:

De súbito, ouviu-se de forma distinta uivar o vento; mais espessa se tornou a bruma mineral em que o autocarro ia envolvido, e era já como lançada às mãos-cheias a areia que batia de encontro aos vidros. A mosca agitou as asas friorentas, curvou-se e desapareceu por fim. Afrouxando a marcha, o veículo deu a impressão de que parava. Então o vento acalmou-se, a névoa desvaneceu-se um pouco e o carro aumentou de velocidade. Na paisagem sufocada de pó surgiram espaços luminosos, assim como duas ou três palmeiras raquíticas, que logo se dissiparam.

– Que país! – murmurou Marcel.

O autocarro estava repleto de árabes que pareciam dormir envoltos no albornoz. Alguns tinham dobrado as pernas sobre o banco e oscilavam mais do que os outros ao balanço da viatura. O silêncio deles, a sua impassibilidade, tudo acabou por ser pesado a Janine; afigurava-se-lhe andar em viagem há muitos dias com aquela escolta muda. No entanto, o carro largara ao alvorecer, do término da via férrea, e havia apenas duas horas que, nessa manhã fria, avançava no planalto pedregoso, desolado, que estendia (pelo menos à partida) as suas linhas rectas e, a pouco e pouco, fora devorando a extensão infinita. Dessa altura em diante, os passageiros não viram mais nada; tinham-se calado, um após o outro, navegando em silêncio numa espécie de noite em claro, limpando de vez em quando os lábios e os olhos irritados pela areia que se infiltrara no autocarro. (CAMUS, 1971, p. 8-9).

A descrição dos árabes, estes situados na maior das vezes pelo olhar de Janine, posiciona-os enquanto uma multidão uniforme, “indistintos”, enquanto o soldado francês que também está no autocarro destaca-se de imediato. A demarcação constante da diferença entre o casal *pied-noir* em relação aos demais árabes destaca

o sentimento de não-pertencimento de Janine e Marcel àquele povo. São como estrangeiros, mas parecem assumir uma posição de “predominância”. Possuem a consciência de uma diferença que, numa sociedade colonial, não os coloca numa condição inferior. É dessa forma que Marcel é intensamente caracterizado. Ele demonstra uma rejeição explícita ao país e ao povo da região, como fica claro nas seguintes passagens:

Deteve-se bruscamente o autocarro. O motorista, falando para fora, disse algumas palavras nessa língua que Janine estava farta de ouvir sem nunca a compreender.

Que é? – perguntou Marcel.

Desta feita o homem explicou em francês que a areia devia ter entupido o carburador, e Marcel amaldiçoou mais uma vez o país. Rindo satisfeito, o motorista garantiu que não era nada, que ia desentupir o carburador e em seguida retomavam a marcha. Abriu a porta, e o vento frio penetrou no carro, fustigando de mil grãos de areia o rosto dos passageiros. Os árabes mergulharam o nariz nos respectivos albornozes e dobraram-se sobre si mesmos.

– Feche a porta! – gritou Marcel.

Rindo sempre, o motorista foi-se munindo de várias ferramentas e desapareceu, minúsculo, entre a névoa, sem todavia fechar a porta. Marcel suspirou.

– Podes crer que ele jamais viu um motor na sua vida – observou à mulher.

– Deixa lá – redargüiu esta.

Sobressaltou-se, de repente. Perto do veículo distinguam-se vultos imóveis, encapuchados. Mudos, de olhos brilhantes, ali estavam a observar, vindos não se sabe de onde”. (CAMUS, 1971, p. 15).

Vê-se que esse sentimento da diferença expressa-se já a partir da língua, que é uma das formas de fazer notar as relações de poder e de desigualdade. Apesar de Janine e Marcel não serem personagens numa condição explícita de poder (já que “os negócios” haviam sido abalados pela ocorrência da guerra, e que realizavam a viagem para negociar diretamente com os comerciantes árabes, no intuito de cortar gastos), o fato de serem *pied-noir* (que por sua vez, na estratificação social da colônia, são inferiores aos funcionários a serviço da metrópole, chamados de *Francaouis*⁷), parece conferir-lhes um sentimento de superioridade em relação aos autóctones. A

⁷ Olivier Todd, em seu livro *Albert Camus: uma vida (Rio de Janeiro: Record, 1998*, comenta: “Em Belcourt, na margem esquerda, mora o populacho dos franceses da Argélia, alegres, generosos, vaidosos, fanfarrões, que se entusiasmam ou se abatem muito depressa. Estarão esses neofranceses, como os chama M.O.Stott, fermentando sua superioridade sobre os indígenas? Ou um sentimento de inferioridade por serem eles, por sua vez, humilhados, colonizados, pelos funcionários vindos da França, os *Francaouis*, instalados em remunerações privilegiadas? Comerciantes, carroceiros, aterradores, pedreiros de Belcourt não tiram férias na França.” (p.38). Informação retirada do artigo de Rosana Rosa Praxedes, intitulado “Albert Camus: identidade em Crise”, publicado na Revista Espaço Acadêmico e disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/013/13cpraxedes.htm>>.

construção desses dois personagens deixa bem claro esse dado da relação colonial, apesar de o conto tomar um rumo temático diferente. Outra passagem corrobora para esse aspecto do personagem Marcel, para o jogo de identidades na colônia (*nós, franceses*; eles, a multidão⁸), quando, ao jantarem no restaurante do hotel onde estavam hospedados, Marcel comenta:

Janine, porém, não gostava de vinho, que a aturidia. Como houvesse carne de porco na ementa, Marcel fez esta observação:

– O Alcorão proíbe-a. Mas o Alcorão ignorava que a carne de porco bem cozinhada está isenta de provocar doenças. Nós, franceses, sabemos cozinhá-la. Em que estás a pensar?

Ela não pensava em nada, ou talvez pensasse naquela vitória dos cozinheiros sobre os profetas. Devia, no entanto, despachar-se. Tinham de partir outra vez no dia seguinte de manhã, ainda mais para o sul. De tarde precisavam de visitar todos os mercados mais importantes. Marcel deu pressa ao árabe para que lhes trouxesse o café. O homem anuiu, com um gesto de cabeça, sem sorrir, e saiu em passinhos miúdos. (CAMUS, 1971, p. 19-20).

Não é objetivo deste artigo discutir os sentidos ideológicos por trás da narrativa camusiana neste conto, mas apenas destacar uma intenção evidente do autor em adotar a Argélia não apenas enquanto cenário, mas sim proporcionar um retrato mais denso de questões culturais, fato que não como acontece em *O Estrangeiro*. Camus busca aproximar o leitor de uma Argélia histórica, uma Argélia cuja descrição não pode estar isenta das marcas coloniais. As escolhas narrativas jamais podem ser vistas como escolhas gratuitas. Marcel, ao ironizar sobre o Alcorão e a carne de porco, pode sugerir o discurso europeu a cerca do povo mulçumano, a dicotomia entre ciência e religião; escolher o termo “árabe” ao invés de “garçom”/“atendente” (“Marcel deu pressa ao árabe para que lhes trouxesse o café”), evidencia a intenção de explicitar as relações de desigualdades daquela cidade visitada por Marcel e Janine. A própria reflexão de Janine sobre sua condição de mulher e esposa, o foco simbólico do conto, pode ser compreendida na relação entre a personagem e a cidade. O narrador invoca um paralelo entre os nômades da cidade, homens “sem casas, separados do mundo”, “um punhado a errar sobre o imenso território” (Ibidem, p. 29) e o sentimento de Janine de não pertencer àquele lugar (ela enquanto uma mulher não-árabe) e de viver um “exílio” que se manifesta nesse ser apartado/distante da uma terra onde se sente pertencido – essa necessidade de ter raízes, “talvez a necessidade mais importante e menos reconhecida da alma humana”, como diria Simone Weil (citado por Edward Said em “Reflexões sobre o exílio”) – ou na solidão, uma solidão neste caso que se ergue pela perda do afeto e do erotismo conjugal. Neste sentido, Danielle Marx-Scouras, no capítulo “Portraits of Woman, visions of Algeria” (In:

⁸ “A multidão, vestida de branco, tornava-se cada vez mais numerosa” (Ibidem, p. 25).

The Cambridge Companion to Camus) faz uma interpretação precisa e admirável: “A highly erotic undertone pervades this short story, where the representation of the female body and desire itself exist not only in opposition to the colonial paradigm associated with the institution of marriage, but also in conjunction with what the female protagonist Janine cannot attain: the Algeria of Algerians” (p. 159).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

David Carroll, em livro mencionado anteriormente, utiliza como uma das epígrafes o comentário feito pelo escritor argelino Mohamed Dib, em 1995, que afirma ser Camus um escritor argelino – “Camus is an Algerian writer” (CARROLL, 2007, p. 18). Tal contestação é radical e de certo modo inverídica, do mesmo modo que posicioná-lo enquanto um escritor francês sem a referência argelina também o seria.

Um dos problemas da classificação da nacionalidade dos autores da literatura contemporânea deriva justamente desse grande fluxo migratório, seja durante o período da colonização ou, nas últimas décadas, da diáspora pós-colonial. Se a “Argélia em Camus” revela uma “mentalidade colonial”, como propõe Said, ou se emerge enquanto paisagem exótica, por serem seus principais leitores os franceses e europeus, somente no âmbito da “análise do discurso” e dos “estudos de recepção” tais interpretações seriam viáveis. Destaco, por fim, o argumento de Rosângela Rosa Praxedes, em artigo já citado anteriormente em nota, a saber: “Camus: a identidade em crise”, quando posiciona o autor enquanto um “escritor da fronteira”, ao citar um pertinente comentário de Mario Vargas Llosa que, por oportuno, transcrevo:

Acho que para entender-se o autor de *L'Étranger* é útil levar-se em conta sua tripla condição de provinciano, homem da fronteira e membro de uma minoria. As três coisas contribuíram parece-me, para sua maneira de sentir, de escrever e de pensar. Foi um provinciano no sentido cabal da palavra, porque nasceu, educou-se e se fez homem muito longe da capital, no que era então uma das extremidades remotas da França: África do Norte, Argélia. Quando Camus instalou-se definitivamente em Paris, tinha cerca de trinta anos, quer dizer, já era, em essência, o mesmo que seria até sua morte. Foi um provinciano para o bem e para o mal, mas sobretudo para o bem, em muitos sentidos. (LLOSA, 1983, p. 231 *apud* PRAXEDES, 2002).

REFERÊNCIAS

- CAMUS, Albert. *O exílio e o reino*. Tradução de João Cabral do Nascimento. Lisboa: Livros do Brasil, 1971.
- CORCORAN, Patrick. *Francofone Literature*. New York: Cambridge University Press, 2007.
- CARROLL, David. *Albert Camus, the Algerian: colonialism, terrorism, justice*. New York: Columbia University Press, 2007.

- HUGHES, Edward J. (Org.). *The Cambridge Companion to Camus*. New York: Cambridge University Press, 2007.
- JOUBERT, J.-L. et al. *Le littératures francophones depuis 1945*. [S.l.]: Bordas Editions, 1993.
- LEPERLIER, Tristan. Les français et la francophonie: perspective postcolonial sur représentation des littérature francophone em France. In: PASSOS, Joana et al. *Áfricas contemporâneas*. Minho: Húmus Edições, 2010.
- LLOSA, Mario Vargas. *Contra vento e maré*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1985. *apud* PRAXEDES, Rosângela Rosa. Albert Camus: a identidade em crise. In: *Revista Espaço Acadêmico*, ano III, n. 13, jun. 2002. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/013/13cpraxedes.htm>>. Último acesso em: 26 out. 2011.
- LOTTMAN, Herbert R. *Albert Camus*. Tradução para o francês feita por Marianne Véron. Paris: Éditions Du Seuil, 1978.
- MARX-SCOURAS, Danielle. Portraits of Woman, visions of Algeria. In: HUGHES, Edward J. (Org.). *The Cambridge Companion to Camus*. New York: Cambridge University Press, 2007.
- PRAXEDES, Rosângela Rosa. Albert Camus: a identidade em crise. In: *Revista Espaço Acadêmico*, ano III, n. 13, jun. 2002. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/013/13cpraxedes.htm>>. Último acesso em: 26 out. 2011.
- SAID, Edward W. Reflexões sobre o exílio. In: _____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- _____. *Albert Camus, ou l'inconscient colonial*. In: *Le Monde Diplomatique*, nov. 2000. Disponível em: <http://www.monde-diplomatique.fr/2000/11/SAID/14483>. Último acesso em: 26 out. 2011.
- TODD, Olivier. Albert Camus: uma vida. Rio de Janeiro: Record, 1998. *apud* PRAXEDES, Rosângela Rosa. Albert Camus: a identidade em crise. In: *Revista Espaço Acadêmico*, ano III, n. 13, jun. 2002. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/013/13cpraxedes.htm>>. Último acesso em: 26 out. 2011.